APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DA *DIATRIBE 1.1* DE EPICTETO

DINUCCI, A. (2014). Apresentação e tradução da *Diatribe 1.1* de Epicteto. *Archai*, n. 13, jul - dez, p. 143-157

* Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Membro permanente do mestrado em filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Aldo Dinucci*

1. Nota Biográfica sobre Epicteto, Epafrodito e Musônio

As informações sobre vida de Epicteto nos vêm de três fontes principais: Aulo Gélío¹; Simplicio² e Suidas³. Diz-nos a *Suda*:

De Hierápolis, [uma cidade] da Frígia; [1] um filósofo; um escravo [2] de Epafrodito, um dos guarda-costas do imperador Nero. [3] Estropiado em uma perna em razão de reumatismo, [4] viveu em Nicópolis, [5] [uma cidade] da [provincia de] Épiro [...] [6] sua vida se estendeu até o reinado de Marco Antonino. [7] Escreveu muitos livros⁴.

Epicteto confirma ter sido escravo em *Diatribes* 1.9.29 e 1.19.21. Uma inscrição em homenagem a Epicteto⁵, descoberta em Pisídia⁶, da autoria de um certo Leontianus, bem como epigramas citados por João Crisóstomo⁷, Macróbio⁸ e Simplicio⁹ confirmam ter sido Epicteto um escravo. Seu nome, segundo alguns, era comumente dado a escravos e significa “Adquirido”¹⁰. Colardeau¹¹ sugere, porém, que o nome designava uma parte da Frígia que havia sido por aqueles tempos anexada pelos Romanos, e que fora aplicado a Epicteto designando sua terra natal.

Epicteto teria chegado a Roma como servo de Epafrodito, secretário (encarregado de receber petições) de Nero¹², segundo Suetônio¹³; chefe dos guarda-costas de Nero, segundo Suidas. Epafrodito, a quem Epicteto refere-se negativamente algumas vezes nas *Diatribes*¹⁴, ajudou Nero a suicidar-se quando este foi proclamado inimigo de Roma pelo Senado em 68, pelo que mais tarde foi condenado à morte por Domiciano¹⁵. A divergência quanto à função de Epafrodito na corte de Nero pode ser explicada por ter sido de fato secretário no princípio de sua carreira, sendo posteriormente, como prêmio por ter auxiliado Nero no episódio da conspiração de Pisão¹⁶, encarregado da segurança pessoal do imperador, o que explicaria tê-lo acompanhado nos seus momentos finais, auxiliando-o a suicidar-se. Além disso, alguns historiadores creem ser ele o mesmo Epafrodito a quem Flávio Josefo¹⁷ dedica seus escritos¹⁸.

Epicteto se refere ao fato de ser manco em *Diatribes* 1.8.14 e 1.16.20. Fontes antigas afirmam que seu defeito físico seria devido à crueldade de Epafrodito¹⁹. Epicteto é também dito manco (*chólós*) ou com fraqueza física (*sōma asthen@s*) por Simplicio²⁰. Outros dizem ainda que Epicteto fora mutilado pela violência que teria sofrido de um “tirano na Macedônia”²¹. Porém tais testemunhos podem simplesmente supor o que é dito pelo próprio Epicteto em *Diatribes* 1.19.8, razão pela qual Schenkl dá mais crédito à versão de Suidas, pois vê um caráter apotegmático naqueles relatos de maus tratos, pelos quais se opõem a liberdade interior à escravidão do corpo, tema recorrente em Epicteto.

Não é possível determinar precisamente as datas de nascimento e morte de Epicteto, mas tão somente inferir, a partir de *Diatribes* 4.5.17, que estava vivo sob Trajano²². Em *Diatribes* 3.7, Epicteto conversa com um *corrector* que alguns historiadores supõem ser o mesmo Maximus mencionado por Plínio²³. Como essa carta de Plínio é de 108, estima-se que Epicteto morreu após tal data. Suidas, como vimos acima, afirma que Epicteto estaria vivo sob Marco Aurélio²⁴, o que não é o caso, pois Epicteto teria de ter 20 anos quando de sua expulsão de Roma por Domiciano²⁵, o que é improvável, pois não poderia ser, tão novo, um filósofo famoso. Talvez o

autor da Suda se apegue em Marcos Aurélio 1.7 e 19, passagens nas quais o imperador fala com admiração de Epicteto, o que poderia levar o leitor desavisado a crer que o Marcos o tivesse conhecido. Temístio²⁶, por sua vez, afirma que Epicteto estava vivo sob os Antoninos, ou seja, sob Marco Aurélio ou Antonino Pio²⁷, que chegou ao poder em 138²⁸, o que também não é factível. O mais provável é Epicteto ter morrido na altura da metade do reinado de Adriano²⁹. Se é esse o caso, Epicteto nasceu em torno do ano 50 em Hierápolis (atual Tambouk-Kalessi), cidade famosa por suas fontes termais³⁰, à época uma importante cidade da Frígia meridional, aos pés do monte Mesogis, diante da Laodiceia.

De acordo com Aélio Espartano³¹, Epicteto era amigo de Adriano, que reinou entre 117 e 138, o que pode ser o caso, já que, na *Diatribes* 3.13.4, Epicteto se refere à *pax romana* à qual Adriano estava intimamente associado. A partir desses cálculos e conjecturas, Schenkl³² estima as datas de nascimento e morte de Epicteto entre 50 e 138, supondo que ele estava vivo sob Adriano e morto antes dos 90 anos. Dobbin³³, embora concordando que isso é consistente com as fontes, prefere, pela imprecisão delas, dizer simplesmente que Epicteto floresceu em 110.

Segundo Millar³⁴, não há evidências claras de que Epicteto estivesse em Roma no reinado de Nero, embora o próprio Epicteto se refira a vários eventos que aconteceram então: a resposta do cínico Demétrio³⁵ diante da ameaça de morte de Nero (*Diatribes* 1.25.22); a discussão entre Pacônio Agripino³⁶ e Floro³⁷ sobre se este deveria participar do espetáculo teatral de Nero (*Diatribes* 1.2.12-18); a execução de Laterano³⁸ em 65 (*Diatribes* 1.1.19); a conversa entre Peto Trásea³⁹ e Musônio⁴⁰ sobre seu exílio (*Diatribes* 1.1.26-27); a reação de Pacônio Agripino ao saber de seu exílio em 66 (*Diatribes* 1.1.28-32). Para Millar, tudo o que podemos saber com certeza é que Epicteto estava em Roma no período dos imperadores Flavianos⁴¹, quando era amigo e discípulo de Rufo⁴². Epicteto menciona a anedota de Rufo relativa à morte de Galba⁴³ (*Diatribes* 3.15.14) e se refere a uma conversa entre ele e Rufo acerca do incêndio do Capitólio em 69 (ou em 80 –cf. *Diatribes* 1.7.32). Em outra oportuni-

de, fala sobre a crueldade de Epafrodito (*Diatribes* 1.9.29-30). Epicteto menciona também Eufrates⁴⁴, discípulo de Musônio (*Diatribes* 1.15.8; 4.8.17-20) e se refere a uma conversa entre Helvídio Prisco⁴⁵ e Vespasiano (*Diatribes* 1.2.19-21; cf. 4.1.123), a qual, se verdadeira, teria ocorrido entre 71 e 72⁴⁶. Epicteto faz alusão diversas vezes a cenas romanas, como o aqueduto *Aqua Marcia* (*Diatribes* 2.16.30-1), o altar da Febre no Palatino (*Diatribes* 1.19.6), cenas do circo ou do teatro (*Diatribes* 1.11.27; 1.29.37), da Saturnália⁴⁷ (*Diatribes* 1.25.8; 1.29.31; 4.1.58), a libertação de um escravo diante do pretor (*Diatribes* 2.1.26-7), o seu encontro com um cônsul nas ruas (*Diatribes* 3.3.15 e 17⁴⁸) e a eleição de um tribuno (*Diatribes* 1.19.24)

Quanto a Caio Musônio Rufo, professor de filosofia de Epicteto, que o menciona em *Diatribes* 1.1.27 e 1.9.29, observando que ainda era escravo enquanto aluno dele, Suidas nos diz ser ele um tirreno (etrusco), natural de Volsinii, um filósofo dialético e um estoico. Musônio foi filósofo ativo durante o reinado de Nero até o reinado de Trajano. Foi exilado por Nero e enviado para Gyarus em 65⁴⁹, sobrevivendo até os Flavianos. Sua vida se estendeu de 30 a 90 ou 100. Chegaram-nos, em parte, suas *Diatribes*, escritas por certo Lúcio. A edição crítica de sua obra é de autoria de Hense⁵⁰, que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Cora Lutz⁵¹.

Depois de ser aluno de Rufo, Epicteto tornou-se filósofo-orador nas ruas de Roma (cf. *Diatribes* 2.12.17-25). Epicteto teria sido expulso por Domiciano quando este baniu, provavelmente em 89, tanto os filósofos quanto astrólogos de Roma⁵². Epicteto escolheu como destino Nicópolis⁵³, cidade localizada na entrada do golfo Ambrácico, no Épiro, fundada por Augusto em comemoração à sua vitória na batalha de Actium⁵⁴. Havia duas províncias com o nome de Épiro: *Epirus vetus* (Épiro Velha) e *Epirus nova* (Épiro Nova), ambas estabelecidas sob Domiciano e conhecidas até a era bizantina. Nicópolis, ao contrário do que anuncia a *Suda*, era a capital de *Epirus vetus*, e Dyrrachium era a capital de *Epirus nova*.

É possível que Epicteto tenha recebido a visita de Adriano em Nicópolis ou o tenha conhecido em

Atenas. Souilhé⁵⁵, porém, argumenta que os textos de Filostrato e Luciano citados por Schenkl⁵⁶ nada provam quanto a isso, e que a passagem das *Diatribes* (3.21) a partir da qual se depreende que Epicteto tinha conhecimento dos mistérios de Eleusis não constituem prova de que Epicteto tenha efetivamente viajado para Atenas.

Epicteto foi influenciado pela resistência de alguns estoicos (Helvídio Prisco e outros) aos imperadores romanos Nero, Vespasiano e Domiciano, na segunda metade do primeiro século (cf. *Diatribes* 1.1.18-32; 1.2.19-24). O aspecto político do ensino de Epicteto poderia ter sido considerado subversivo (cf. *Diatribes* I.29.9) – razão pela qual Arriano não tenha publicado espontaneamente a obra.

O reconhecimento de Epicteto na Antiguidade é testemunhado por Favorino⁵⁷, protegido de Adriano⁵⁸. Aulo Gélíio também nos informa⁵⁹ que Herodes Ático⁶⁰ considerava Epicteto como o maior dos estoicos, o que indica que os textos de Epicteto circulavam após sua morte e que Epicteto já era então renomado. Marco Aurélio⁶¹ exaltou Epicteto diversas vezes e chegou a colocá-lo ao lado de Crisipo e Sócrates. Galeno⁶², contemporâneo de Marco Aurélio, escreveu um livro⁶³ (hoje perdido) no qual defendia Epicteto das críticas de Favorino. Por Orígenes⁶⁴, Epicteto é citado seis vezes, sendo particularmente interessante uma passagem de *Contra Celsum*⁶⁵ onde nos diz que Epicteto era mais popular em seus dias que Platão. No século VI, Simplicio e seu comentário atestam a continuidade do renome de Epicteto.

Epicteto viveu na pobreza tanto em Roma quanto em Nicópolis. Ao final da vida tomou uma serva para ajudar-lhe a criar um menino que ele adotara, pois a criança iria ser exposta pelo pai que se encontrava em extrema miséria⁶⁶.

2. Sobre o editor das *Diatribes* *De Epicteto*: Lúcio Flávio Arriano Xenofonte da Bitínia

Um bitínia, um senador romano, um filósofo, um caçador, um general e um historiador, ele é a nossa única fonte para o pensamento de [...] Epicteto, nossa melhor fonte para Alexandre o Grande, o autor do único relato sobrevivente sobre a exata disposição de marcha

formação de batalha de um exército romano, e [...] o segundo grego conhecido a ser feito governador de uma província com duas legiões ao seu comando. (STADTER, 1980, p. 1)

Arriano era grego da Bitínia e cidadão romano por nascimento. Sua ascensão aos altos cargos romanos indica que membros de sua família já possuíam a cidadania romana. Seu nome completo: Lúcio Flávio Arriano Xenofonte. O prenome Lúcio foi descoberto numa base de estátua em Atenas⁶⁷. Antes dessa descoberta achava-se que Arriano havia recebido a cidadania romana de algum dos imperadores Flavianos ou de Flávio Sabino, pai de Vespasiano. Entretanto, o prenome Lucius, afirma Stadter⁶⁸, indica que a família de Arriano adquirira a cidadania romana por volta da segunda metade do século 1. O sobrenome Xenofonte, com o qual Arriano se intitula em suas obras, e que se pensava que Arriano adquirira tarde, é, na verdade, parte integral de seu nome.

Arriano chegou ao consulado por volta de 129⁶⁹. Como geralmente a idade para se atingir o consulado era de 40 anos, podemos supor que Arriano nasceu entre 85 e 92. Sua cidade, Bitínia, muito próspera em sua época, fora fundada em 274 a.C. pelo rei Nicomedes da Bitínia, que fez dela sua capital. A família de Arriano pertencia sem sombra de dúvida à aristocracia, pois esta classe regularmente recebia a cidadania romana. Sinal dessa proeminência era o sacerdócio de Arriano a Deméter (a quem a Bitínia era dedicada) e Kore, em Nicomédia⁷⁰.

Arriano foi, entre seus 18 e 19 anos, estudar com Epicteto em Nicópolis (era costume na época que filhos de famílias abastadas estudassem nessa idade retórica ou filosofia), lá permanecendo entre 105 e 113. Nessa época escreveu as *Diatribes de Epicteto*. Entretanto, a carta que prefacia as *Diatribes* foi escrita na velhice de Arriano, após a morte de Epicteto.

Durante o reinado de Adriano, Arriano avançou do cargo de pretor ao de cônsul. Naqueles tempos havia entre quatro e seis pares de cônsules ao ano, cada par se mantendo no cargo por um período de dois meses⁷¹. Arriano foi cônsul nesses termos em algum momento entre os anos 125 e

130. Chegou a ser legado da Capadócia (*legatus augusti pro praetore cappadociae*), comandando aí duas legiões, provavelmente entre 130 e 131, permanecendo no cargo até 136/137⁷². A Capadócia era uma região de fronteira do Império Romano, e a missão de Arriano era assegurar essas fronteiras, para o que tinha a seu comando duas legiões, a *XV Apollinaris* (estacionada em Satala, atual Sadak) e a *XII Fulminata* (estacionada em Metilene, atual Malatya), bem como tropas auxiliares nativas. Uma das tarefas de Arriano era inspecionar as regiões fronteiriças, inspeção que foi descrita pelo próprio Arriano em seu *Périplo do Ponto Euxino*⁷³. Arriano teria enfrentado os alanos em 135, batalha cuja formação romana sobrevive em fragmento de obra do próprio Arriano⁷⁴.

Em 137, quando tinha cerca de 48 anos, Arriano foi para Atenas⁷⁵, atingindo nessa cidade o arcontado e recebendo a cidadania ateniense. Entretanto, Arriano recebendo Adriano em Atenas, como o retrata Marguerite Yourcenar em seu romance *Memórias de Adriano*⁷⁶, é pura ficção.

3. Breve comentário filosófico:

A visão moderna sobre Epicteto foi estabelecida por Adolf Bonhöffer⁷⁷, que sustenta a tese de que Epicteto é ortodoxo em seu estoicismo. De fato, Epicteto, nas *Diatribes* (1.4.31), elogia Crisipo como alguém que descobriu a verdade e a expôs aos homens, elogio que lembra o de Lucrecio a Epicuro em *Da Natureza*⁷⁸. Também Aulo Gélíio⁷⁹ nos diz que os escritos de Epicteto concordam com os de Zenão e de Crisipo. Entretanto, como faz notar Dobbin⁸⁰, Bonhöffer se excedeu ao estender isso a todos os aspectos da filosofia de Epicteto, pois sabe-se hoje que Epicteto foi sensível a várias influências filosóficas.

O conceito epictetiano de *prohairesis* (a faculdade de escolha), por exemplo, é derivado de Aristóteles⁸¹, numa estratégia de apropriação de conceitos típica da era helenística⁸². Epicteto, segundo as evidências de que dispomos, é o primeiro filósofo a utilizar tal termo em sua ética depois de Aristóteles, provavelmente tendo acesso a tal noção por via indireta, através dos debates

helenísticos em torno do determinismo do mundo e da liberdade humana.

Enquanto Aristóteles associa a *prohairesis* ao que está sob nosso poder, fazendo dela um dos quatro princípios do movimento⁸³, Epicteto, aliando-a ao impulso, ao assentimento e ao desejo (cf. *Diatribes* 1.17.21-4), afirma-a livre e desimpedida (cf. *Diatribes* 1.17.21; 1.18.17), o princípio da autonomia humana, o que está absolutamente sob nosso poder, a faculdade que faz uso das representações (*phantasiai* – cf. *Diatribes* 1.30.4; 1.8.6; 2.22.29; 3.22.103).

Além disso, a fórmula tó *eph'hēmin*⁸⁴, que significa algo como 'o que está sob nosso controle', também se enraíza em Aristóteles⁸⁵: tal expressão se tornou importante no período helenístico graças ao já mencionado debate acerca do determinismo e liberdade humana.

Quanto a isso, faz-se necessário notar que Crisipo, apesar de determinista, defendia a responsabilidade moral. Para Crisipo, embora os acontecimentos sejam predeterminados por uma cadeia de causas e efeitos, os eventos que não ocorrem são, entretanto, possíveis. Em razão disso, (i) a responsabilidade moral humana se baseia na possibilidade de agir de outro modo⁸⁶ e, (ii) embora as representações estejam ligadas à cadeia contínua de causas que os estoicos identificaram com o destino, a ação humana depende do assentimento a elas, pois a mente é capaz de dar ou negar esse assentimento. Tal teoria foi elaborada em termos de diferentes causas⁸⁷, que se dividem em primárias e auxiliares (ou antecedentes), sendo as representações causas auxiliares sujeitas ao destino, tanto predeterminadas quanto necessárias, enquanto o assentimento a elas são causas primárias, coisas *eph'hēmin*⁸⁸.

Nesse sentido, Epicteto afirma que o que está sob nosso controle (*eph'hēmin*) é o correto uso das representações, do desejo e do impulso (cf. *Diatribes* 1.17.22-4; 2.8.29, 3.9.18; 4.1.69-71). Por outro lado, a faculdade racional (*hē dýnamis logikē*) é, para Epicteto, responsável tanto pela produção quanto pela avaliação (assentimento) das representações (cf. *Diatribes* 1.20.1-11; 2.23.5-6), sendo a razão a única faculdade autoavaliativa, a única capaz de realizar juízos de valor (cf. *Diatribes*

1.17.1-3; 1.17.12). Por outro lado, o poder de fazer bom uso das representações (cf. *Diatribes* 1.1.7) é parafraseado como o poder de impulso e de repulsa, de desejo e aversão, identificado em *Diatribes* 1.1.4-5 com a razão. Epicteto salienta o "bom uso", já que o mero uso se estende aos demais animais⁸⁹.

Para que tal bom uso se efetive é preciso realizar o teste das representações, tema que permeia a filosofia de Epicteto. Em *Diatribes* 1.20.7, por exemplo, Epicteto observa que é dever do filósofo testar e distinguir todas as representações (cf. também *Diatribes* 2.18.24; 2.22.5; 3.2.8; 3.12.15; 3.24.108; 4.3.7; *Encheiridion* 18, 20, 34, etc.). As representações não testadas são chamadas por Epicteto de *tracheiai* (cruas – cf. *Encheiridion* 1.5). Simplicio lista as regras pelas quais se deve testar as impressões: (1) indagar se se refere a algo relativo à alma ou ao corpo ou a algo externo; (2) indagar se se refere ao prazer ou ao benefício; (3) indagar se é praticável ou não⁹⁰, de modo a evitar dois erros: o assentimento a uma falsa representação ou ao que é obscuro.

Para o tema da razão como uma parte de Deus (cf. *Diatribes* 1.17.27; 2.8.10-11), Epicteto adverte os ouvintes a cuidar (*epimeleisthai*) dessa parte. Para compreender-se o uso desse *epimesleisthai* em conjunção com o 'Conhece a ti mesmo' em Epicteto, remetemos o leitor ao *Primeiro Alcibiades* de Platão⁹¹.

4. Sobre as Diatribes de Epicteto: composição e principais edições

As *Diatribes de Epicteto* são prefaciadas por uma carta de Arriano endereçada a certo Lúcio Gélío (provavelmente parente de Aulo Gélío⁹²), na qual aquele afirma que (i) não compôs as *Diatribes*, mas que elas são meras transcrições das aulas de Epicteto em Hierápolis e (ii) não tomou a iniciativa de publicá-las, mas que elas se disseminaram sem que ele assim o desejasse, visto serem notas que escreveu para si mesmo e seus próximos. Então, diante da inesperada difusão da obra, Arriano decidiu dar-lhes forma final e publicá-las.

Quanto ao ponto (i), Dobbin⁹³ observa que, asserindo-o, Arriano quer diferenciar-se de Platão e Xenofonte no que se refere ao papel que tiveram

em relação a Sócrates. Em outras palavras: Arriano assevera não ter a pretensão de compor obras tratando do pensamento de Arriano como aqueles o fizeram em relação a Sócrates, mas tão somente declara ter transcrito as palavras de Epicteto sem nenhum tratamento literário. Dobbin questiona essa asserção de Arriano argumentando que, em sua época, as técnicas estenográficas eram primitivas e reservadas a escravos. Entretanto, quanto a isso podemos contra argumentar que nada impede que Arriano tenha adquirido essa técnica com a finalidade de captar com precisão as palavras de seu professor⁹⁴. E mesmo que não tenha transcrito *verbatim* o que disse Epicteto, o que fez foi o suficiente para que ele próprio considerasse tê-lo feito na medida do possível e com fidelidade⁹⁵. Dobbin também observa que várias diatribes que apresentam Epicteto em conversas pessoais (por exemplo: *Diatribes* 1.11; 1.15; 2.14; 3.7) não seriam factíveis com essa afirmação de Arriano, pois este não teria acesso a tais diálogos. Porém, nada impede que Arriano, como aluno próximo a Epicteto, tenha efetivamente presenciado tais conversas e memorizado o seu cerne para depois transcrevê-las. Além disso, como o próprio Dobbin reconhece, há consenso em que, apesar de não se pode saber ao certo como as *Diatribes* foram escritas, elas refletem o pensamento de Epicteto, já que testemunhos antigos comprovam essa fidelidade⁹⁶. Por essas razões, embora organizadas e editadas por Arriano, a autoria das *Diatribes* é tradicionalmente atribuída a Epicteto⁹⁷.

Quanto ao título da obra, aqui o apresentamos com o termo correspondente em português, ao contrário do que fazem outros tradutores em outras línguas. Dobbin (2007) verte *Diatribai* por 'Discourses' ('Discursos'). Souilhé (2002), por 'Entretiens' ('Conversas'). Cremos, porém, que nenhum dos dois dá conta da palavra grega e da atividade que Epicteto empreende. 'Discursos' pode ser compreendido num sentido formal que não era o caso das falas de Epicteto, pois, em algumas diatribes, Epicteto se dirige aos presentes, enquanto em outras o que temos são conversas pessoais. Também 'conversas' não dá conta da palavra grega e da atividade que Epicteto empreende, pois o termo pode ser compreendido num sentido informal que não era o caso das

falas de Epicteto, já que a maioria das diatribes são transcrições de aulas do curso de filosofia do filósofo.

Quanto ao seu estilo, são abruptas, em decorrência não somente do caráter transcrito, mas também, como o observa Dobbin⁹⁸, da prerrogativa filosófica de franqueza ao falar⁹⁹ (*parrhesía*), que confere uma extraordinária atmosfera de oralidade às *Diatribes* e que Arriano atribui a Epicteto em sua carta a Gélío.

Outra característica das diatribes epictetianas é seu caráter preletivo: em todas ou quase todas as diatribes Epicteto coloca-se como o filósofo instrutor, enquanto ao seu interlocutor cabe o papel daquele que vai ao filósofo em busca de instrução.

Quanto a como se intitula a obra, desde a Antiguidade a ela foram atribuídos diferentes títulos. O próprio Arriano, em sua carta-prefácio, chama-as de *Lógoi* ('Discursos') e, depois, de *Hyponēmata* ('Memórias'). Aulo Gélío as chama de *Dissertationes* ('Discursos'), ora 'Ordenadas'¹⁰⁰, ora 'Compostas'¹⁰¹ por Arriano. Também as denomina *Dialéxeis*, termo grego que traduziu por *Dissertationes*¹⁰². Marcos Aurélio ecoa Arriano, referindo-se às *Diatribes* como *Epiktēteia Hyponēmata* ('Memórias Epictetianas'). Autores tardios ainda dão outros nomes à obra. Estobeu, em suas *Éclogas*, muitas vezes as denomina simplesmente *Epiktētou* ('De Epicteto'); em outras oportunidades as intitula *Apomnēmoneumata* ('Comentários'). Tal multiplicidade de títulos levou alguns a crer que Arriano teria escrito, além das *Diatribes*, também uma biografia de Epicteto, o que não é o caso¹⁰³ — o que temos são vários títulos atribuídos à mesma obra.

As *Diatribes de Epicteto*, ao contrário das demais obras do próprio Arriano, são escritas em grego koiné, i.e. o grego falado naqueles tempos, e não em grego ático, então meramente literário e não mais falado em parte alguma. Foram publicadas por Arriano certamente após a morte de Epicteto, pois assim este é referido na carta-prefácio. Originalmente compreendiam ao menos oito livros, dos quais nos chegaram apenas quatro, sendo trinta diatribes no primeiro livro, vinte e seis no segundo e no terceiro, e apenas treze no quarto.

O nome atual em grego é aquele presente no mais antigo códice de que dispomos (e arquétipo de

todos os demais): o *Bodleianus Graecorum Miscellaneorum* 251 (s), do fim do século XI ou do início do século XII, atualmente conservado na biblioteca Bodleiana, em Oxford. A primeira edição do texto grego é a de Trincavelli¹⁰⁴, de 1525. Destacam-se a seguir a edição de H. Wolf¹⁰⁵, de 1560-3, e a edição de Upton¹⁰⁶, de 1739-41, que serviu de base para o trabalho de Schweighauser¹⁰⁷, que estabeleceu o texto pela primeira vez, publicando sua obra entre 1799-1800. O estabelecimento do texto foi novamente corrigido e publicado por Schenkl primeiramente em 1899 e, depois, em edição bastante aperfeiçoada, em 1916¹⁰⁸. O texto estabelecido por Schenkl serve até nossos dias de base para todas as edições em línguas modernas, e por ele nos guiaremos em nossa tradução.

A primeira edição em língua inglesa é a de Elizabeth Carter¹⁰⁹, de 1758. No século XX disseminaram-se as edições das *Diatribes de Epicteto* em línguas modernas, sendo as principais, com as quais cotejaremos nossa tradução, as de Oldfather, Souilhé e Dobbin¹¹⁰. O texto não tinha ainda tradução em língua portuguesa, lacuna que estamos preenchendo. A tradução do livro I das *Diatribes de Epicteto* deverá ser publicada por nós em 2014, e os demais nos anos posteriores.

5. A Carta-Prefácio: De Arriano a Lúcio Gélío: Salve!

(1) Nem compus os discursos de Epicteto (como se alguém pudesse escrever tais coisas!) nem eu mesmo, que digo não tê-los escrito, os expus aos homens. (2) Quantas coisas ouvi-o dizer, essas mesmas tentei, escrevendo como me era possível, guardar com cuidado para mais tarde para mim mesmo – as lembranças de seu pensamento e de sua franqueza ao falar¹¹¹. (3) São de qualidade tal como seria conveniente que alguém, tendo-os preparado para si mesmo, os lesse para outro homem, (4) mas não são tais que alguém os compusesse para que outros os encontrassem posteriormente. (5) Mas, não sei como (não tendo eu consentido, nem tendo eu conhecimento), esses escritos escaparam para os homens. Se não pareço compô-los de modo conveniente, não muito me justifico; e nem minimamente

Epicteto, se alguém desprezar suas palavras, já que digo aos homens que nenhuma outra motivação era evidente nele, (6) senão mover o pensamento dos ouvintes para o que há de melhor. (7) Se então esses mesmos discursos puderem realizar isso, possuiriam tal propriedade, penso eu, porque é necessário que as palavras dos filósofos assim o sejam. Mas, se não, saibam os que se depararem com esses discursos que o próprio Epicteto, quando os pronunciava, necessariamente comovia o ouvinte, precisamente porque ansiava comovê-lo. (8) Se os discursos por si mesmos não realizarem isso, quis a fortuna ser eu o responsável, quis a fortuna ser assim necessário. Adeus¹¹²!

6. Tradução da Diatribe 1.1 - Das coisas que estão e das coisas que não estão sob nosso controle¹¹³:

(1) Entre as demais faculdades¹¹⁴, nenhuma encontrareis que contemple a si mesma e, por essa razão, nenhuma que aprove ou reprove <a si mesma>. Em que medida a gramática é contemplativa? (2) Na medida em que discerne as letras. (3) E a arte da música? Na medida em que discerne a melodia. E alguma delas contempla a si mesma? De modo algum. Se escreveres algo a um amigo, a gramática dirá como se deve escrever as coisas que precisam ser escritas. Mas a gramática não dirá se tu precisas ou não escrever ao amigo. Do mesmo modo também é a arte da música em relação às melodias. A arte da música não te dirá que é preciso cantar ou tocar a cítara agora, ou que não é preciso cantar ou tocar a cítara agora. (4) Então qual <faculdade> dirá? A mesma que contempla tanto a si mesma quanto as outras todas. E que faculdade é essa? A faculdade racional¹¹⁵. Pois unicamente essa nos foi concedida, compreendendo tanto a si mesma (o que é, do que é capaz e que valor vem a ter para nós) quanto as outras todas. (5) Pois que outra faculdade nos diz que o ouro é belo? A moeda mesma não nos diz¹¹⁶. (6) É evidente que ela é a faculdade que faz uso das representações¹¹⁷. Que outra faculdade julga a música, a gramática e as outras artes, avaliando o uso delas e indicando o momento propício <para o seu uso>? Nenhuma outra.

(7) Assim, como era devido, os Deuses puseram unicamente sob nosso controle¹¹⁹ a melhor de todas <as faculdades>, a que comanda, a que usa corretamente as representações. As demais não estão sob nosso controle. (8) Então <isso> é <assim> porque os Deuses não quiseram? Parece-me que, se fossem capazes, confiariam a nós as demais, mas absolutamente não o puderam¹²⁰. (9) Pois, estando nós sobre a terra, e tendo sido unidos a corpos desta qualidade, e estando em comunidade com outros <corpos> tais, como seria possível, em relação a isso, não ser entravado pelas coisas externas?

(10) Mas o que diz Zeus?

– Epicteto, se fosse possível, faria o teu pequeno corpo e as tuas diminutas posses livres e sem entraves. (11) Então não esqueças: este corpo, (12) argila finamente trabalhada, não é teu. Mas já que este corpo não pude <te dar>, dei-te uma parte nossa: a faculdade própria para o impulso e o refreamento¹²¹, para o desejo e a repulsa¹²², em suma: a que faz uso das representações. Se cuidares dela e nela colocares as tuas coisas, jamais te farás obstáculo, jamais te causarás entraves, não suspirarás, não censurarás ninguém, não adularás ninguém. (13) E então? Essas coisas¹²³ te parecem insignificantes?

– Absolutamente não!

– Então tu te contentas com elas?

– Juro pelos Deuses <que sim>!¹²⁴

(14) Mas agora, nós, podendo cuidar de uma única coisa e a uma única nos ligar, queremos antes de muitas cuidar e estar ligados a muitas: o corpo, as posses, o irmão, o amigo, o filho, o servo. (15) Então, como estamos ligados a muitas coisas, ficamos sobrecarregados e somos arrastados por elas. (16) Em razão disso, se for impossível navegar, sentamo-nos e olhamos ao redor:

– Que vento sopra?

– O Bóreas¹²⁵.

– Em que ele nos interessa? Quando soprará o Zéfiro¹²⁶?

– Quando a Zéfiro parecer bom, ó melhor dos homens, ou a Éolo¹²⁷. Pois Deus não te fez intendente dos ventos, mas Éolo.

(17) Que fazer então? É preciso tornar excelentes as coisas que estão sob nosso controle e,

quanto às outras, é preciso servir-se delas como são por natureza. E como são por natureza? Como Deus as queira.

– (18) Então somente eu serei decapitado agora?

– E daí? Desejas que todos sejam decapitados para que te encorajes? (19) Não desejas estender o pescoço como Laterano¹²⁸ em Roma, a quem Nero ordenou que fosse decapitado? Pois, estendendo o pescoço e sendo golpeado, e tendo sido o golpe mesmo fraco, retirou o pescoço por um instante e o estendeu de novo. Sim! (20) E antes disso, quando Epafrodito¹²⁹, liberto de Nero, aproximou-se de certo homem e o questionou quanto a uma ofensa <ao imperador>, o homem lhe disse: “Se eu quiser <alguma coisa>, falarei com teu senhor”.

(21) O que, pois, é preciso ter à mão¹³⁰ em tais situações? Que outra coisa senão <o conhecimento sobre> o que é meu e o que não é meu? Sobre o que me é possível e o que não me é possível? (22) É preciso que eu morra. Mas também é preciso que eu morra gemendo? É preciso que eu seja aprisionado. Mas também é preciso que eu seja aprisionado me lamentando? É preciso que eu seja exilado. Quem me impede de ser exilado rindo, com bom humor e sereno?¹³¹

– (23) Diz-me teus segredos.

– Não os digo: pois isso é algo que depende de mim¹³².

– Mas te aprisionarei.

– Homem, o que dizes? Aprisionar-me? Aprisionarás minha perna, mas a minha escolha¹³³ nem Zeus pode submeter.

– (24) À prisão te lançarei.

– <Lançarás à prisão> o meu pequeno corpo.

– Decapitar-te-ei.

– Quando eu te disse que meu pescoço é o único que não pode ser cortado?

(25) É preciso que os que filosofam pratiquem essas coisas, escrevam a cada dia sobre essas coisas, exercitem-se nessas coisas¹³⁴.

(26) Trásea¹³⁵ costumava dizer: “Prefiro ser morto hoje a ser exilado amanhã”. O que então que lhe disse Rufo¹³⁶? (27) “Se escolheres a morte como a pena mais pesada, que loucura de escolha! Mas se como a mais leve, quem te permitiu fazer tal

escolha? Não desejas praticar o contentar-te com o que te foi dado?¹³⁷”

(28) Não foi por isso que Agripino disse que “Não serei entrave para mim mesmo”¹³⁸? “Estás sendo julgado no Senado, boa sorte!” – disseram-lhe. Era a quinta hora¹³⁹, momento em que ele costumava exercitar-se e depois tomar um banho frio: “Saíamos e nos exercitamos”. (30) Enquanto se exercitava, alguém, vindo a ele, disse-lhe: “Foste condenado!” “Ao exílio, indagou Agripino, ou à morte?” “Ao exílio.” “E as minhas posses?” “Não foram confiscadas.” “Vamos então para Arícia¹⁴⁰ e jantemos lá.”

Isso é ter praticado as coisas que é preciso praticar, ter tornado desejo <e> repulsa desobstruídos e sem faltas. (32) É preciso que eu morra. Se agora mesmo, morro. Se dentro de pouco tempo, agora almoço na hora própria. Depois, no tempo devido, morrerei. Como morrerei? Como é próprio de quem devolve algo que pertence a outro.

Referências Bibliográficas:

AÉLIO ESPARTANO. (1921). *Historia Augusta*, vol. 1. Trad. D. Magie. Harvard, Loeb Classical Library.

ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS. (2007). *On Fate*. Trad. R. W. Sharples. Londres, Duckworth Publishers.

ANNAS, J. (1991). *Hellenistic Philosophy of Mind*. Berkeley, University of California Press.

ARISTÓTELES. (1926). *Nicomachean Ethics*. Trad. Rackham. Harvard, Loeb.

_____. (1935). *Athenian Constitution. Eudemian Ethics. Virtues and Vices*. Trad. Rackham. Harvard, Loeb.

_____. (1935). *Metaphysics*. Trad. Tredennick, Hugh Armstrong, G. Cyril. Harvard, Loeb.

ASMUS. (1888). *Quaestiones Epicteteae*. in: *Friburgi Brisigavorum*, J.C.B. Mohr, p. 31-34.

AULO GÉLIO. (2002). *Noctium Atticarum*. Harvard, Loeb.

BONHÖFFER, A. (2000). *The Ethics of the Stoic Epictetus: An English Translation*. Trad. William O. Stephens. Peter Lang Pub Inc.

BOSWORTH, A. B. (1977). Arrian and the Alani. IN: *Harvard Studies in Classical Philology* 81 (1977), p. 217-255.

CARTER, E. (1758). *All the works of Epictetus, wich are now extant, consisting of his Discourses, preserved by Arrian, in four books, the Enchiridion and Fragments*. Londres.

CHOTARD, H. (1860). *Le Périphe de la Mer Noire par ARRIEN*. Paris, Durand.

CÍCERO. (1933). *On the Nature of the Gods*. Academic. Trad.

H. Rackham. Harvard, Loeb Classical Library.

_____. (1927). *Tusculan Disputations*. Trad. J. E. King. Harvard, Loeb Classical Library.

_____. (1913). *On Duties*. Trad. W. Miller. Harvard, Loeb Classical Library.

COLARDEAU. (1903). *Étude sur Épictète*. Paris, Fontemoing.

CORA LUTZ. (1947). Musonius Rufus, the roman Socrates. in: *Yale class. Stud.* x, 1947, 3, p. 8-9.

COSMAS DE JERUSALEM. *Canons*. in: *Patrologia Graecae (PG)* 98, 459-524.

DINA PEPPAS-DELMOUSOU. (1970). Basis andriantos tou Arrianou. in: *Athens Annals of Archeology*, 3, 1970, p. 377-80.

DINUCCI, A. (2012). *Introdução ao Manual de Epicteto*. São Cristóvão, EdiUFS. Disponível em: <http://ia700409.us.archive.org/30/items/OManualDeEpicteto/Dinucci-IntrodoAoManualDeEpicteto.pdf>

_____. (2012). Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo; Gaius Musonius Rufus *Fragmenta Minora*. in: *Trans/Form/Ação* vol.35 no.3 Marília Sept./Dec. 2012 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732012000300015>

DINUCCI, A.; JULIEN, A. (2008) *Epicteto: Testemunhos e Fragmentos*. São Cristóvão, EdiUFS, 2008. Disponível em: <http://www.archive.org/details/EpictetoTestemunhosEFragmentos>

_____. (2012) *O Encheiridion de Epicteto: edição bilingue*. São Cristóvão, EdiUFS. Disponível em: <http://archive.org/details/OEncheiridionDeEpictetoEdicaoBilingue>

DIÓGENES LAÉRCIO. (1925). *Lives of Eminent Philosophers*, vol. I, II. Trad. R. D. Hicks. Harvard, Loeb Classical Library, 1925.

DION CÁSSIO. (1914-1927). *Roman History*. Trad. Cary; Foster. Harvard, Loeb Classical Library.

DUDLEY D. R. (1980). *A History of Cynicism*. Chicago, Ares.

EPICTETO. (2012). *O Encheiridion de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão, EdiUFS.

_____. (2008). *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão, EdiUFS.

_____. (2008). *Epictetus Discourses book I*. Trad. Dobbin. Oxford, Clarendon.

_____. (2002). *Entretiens. Livre I*. Trad. Joseph Souilhé. Paris, Les Belles Lettres.

EPICTETUS. (2000). *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments; Encheiridion*. Trad. Oldfather. Harvard, Loeb.

FILOSTRATO. (1921). *Lives of the Sophists*. Eunapius: Lives of the Philosophers and Sophists. Trad. Wilmer C. Harvard, Loeb.

FILOSTRATO. (2005-2006). *Apollonius of Tyana, Volumea I, II & III*. Trad. Jones, Christopher P. Harvard, Loeb.

- FÓCIO. (1824). *Bibliotheca*. Bekker (Ed.). Berlin.
- FRANCIS, J. A. (1995). *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pennsylvania State University Press.
- FREDE, M. Stoics and skeptics on clear and distinct impressions IN: *Skeptic Tradition*. M. Burnyeat (ed.). Berkeley: University of California Press, 1983, p. 65-93.
- GALENO. (2011). *Medicine, volumes i, ii, iii*. Trad. Johnston, I.; Horsley, G. H. R. Harvard, Loeb.
- _____. (2002). *Exhortation à l'étude de la médecine*. Trad. V. Boudon. Paris, Les Belles Lettres.
- GREGÓRIO NAZIANZENO. *Oratio I contra Iulianum, Epistules, ad Philagrium*. in: PG 35-37.
- HADOT, I. (1996). *Simplicius. Commentaire sur le Manuel d'Épictète, Introduction et édition critique du texte grec*. Leiden, Brill.
- HARTMANN. (1905). Arrian Und Epiktet. in: *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum*, xv, 1905, p. 257; 274-5.
- HASSE, W.; TEMPORINI, H. (1990). Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms in *Spiegel der neueren Forschung*, Volume 2. Amsterdam, Walter de Gruyter.
- HENSE. (1905). *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig.
- HOMERO. (1995). *Odyssey, vol. I, II*. Trad. Dimock and A. T. Murray. Harvard, Loeb Classical Library.
- JOÃO CRISÓSTOMO. *Hom. 13*. in: PG 60.111.30.
- INWOOD, B; GERSON L. P. (1988). *Hellenistic Philosophy: Introductory Readings*. Indianapolis, Hackett Publishing Co.
- LAURENTI, (1989). Musonio, maestro di Epitteto. in: *ANRW* 2.36.3, 1989, p. 2105-2146.
- LESSES, G. (1998). Cause and Stoic Impressions. in: *Phronesis* vol. XLIII/1 1998.
- LONG, A. (1991). Representation and the self in Stoicism. in: *Companions to Ancient Thought 2: Psychology*. Stephen Everson (ed.). Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p. 102-120.
- LONG, A. (1996). Notes on Hierocles Stoicus apud Stobaeum. in: M.S. Funghi (ed.). *Le vie della ricerca. Studi in honore di Francesco Adorno*. Florença, Olschki, 1996, p. 299-309.
- LUCIANO. (1921). *Volume III*. Trad. Harmon A. M. Harvard, Loeb.
- LUCRÉCIO. (1924). *De rerum Natura*, 5.13-19. Trad. W. H. D. ROUSE. Harvard, Loeb.
- MARCIAL. (1993). *Epigrams. volumes I,II,III,IV,V*. Shackleton Bailey, D. R. Harvard, Loeb.
- MARCO AURÉLIO. (1916). *Marcus Aurelius*. Trad. C. R. Haines. Harvard, Loeb.
- MACRÓBIO. (2011). *Saturnálias* vol. i, ii, iii. Trad. Kaster, R. A. Harvard, Loeb.
- MARTHA C. (1865). *Les Moralistes sous L'empire romain*. Paris, Hachette.
- MILLAR. (1965). Epictetus and the Imperial Court. in: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 55, No. 1/2, Parts 1 and 2, 1965, p. 141-148.
- NONNUS. in: PG 36.933.
- ORÍGENES. *Contra Celsum*. in: PG 11-17, 3.368.
- PLATÃO. (1914). *Euthyphro. Apology. Crito. Phaedo. Phaedrus*. Trad. H. N. Fowler. Harvard, Loeb Classical Library.
- PLATO. (1927). *Charmides. Alcibiades I and II. Hipparchus. The Lovers. Theages. Minos. Epinomis*. Trad. Lamb. Harvard: Loeb.
- _____. (1930-1935). *Republic*, vol. I, II. Trad. P. Shorey. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (1929). *Timaeus. Critias. Cleitophon. Menexenus. Epistles*. Trad. R. G. Bury. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (1924). *Laches. Protagoras. Meno. Euthydemus*. Trad. W. R. M. Lamb. Harvard, Loeb Classical Library.
- PLÍNIO O JOVEM. (1969). *Letters, volume i, ii*. Trad. Radice, B. Harvard, Loeb.
- PLUTARCO. (1976). *Moralia, Volume XIII: Part 2: Stoic Essays*. Trad. Cherniss, Harold. Harvard, Loeb.
- SCHENKL H. (1916). *Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae*. Epictetus. Leipzig, B. G. Teubner.
- SCHWEIGHÄUSER, J. (1799-1800). *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 5 volumes. Leipzig, Teubner.
- SÊNECA. (2001). *Moral Essays, vol. II*. Trad. J. W. Basore. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (2001). *Moral Essays, vol. III*. Trad. J. W. Basore. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (2001). *Epistles 1-66*. Trad. R. M. Gummere. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (2001). *Epistles 66-92*. Trad. R. M. Gummere. Harvard, Loeb Classical Library.
- SEXTO EMPÍRICO. (1935). *Against the Logicians*. Trad. R. G. Bury. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (1933). *Outlines of Pyrrhonism*. Trad. R. G. Bury. Harvard, Loeb Classical Library.
- _____. (1949). *Against the Professors*. Trad. R. G. Bury. Harvard, Loeb Classical Library.
- SHERWIN-WHITE. (1957). Pliny's Praetorship again. in: *JRS* 47, 1957, p. 126-30.
- SORABJI, R. (1990). Perceptual Content in the Stoics. in: *Phronesis*, vol. XXXV/3, 1990, p. 307-314.
- STADTER. (1980). *Arrian of Nicomedia*. Carolina do Norte: Univ of North Carolina Pr.
- STELLWAG. (1933). *Het Eerste Boek der Diatriben*. Amsterdam, H. J. Paris.
- SUETÔNIO. (1914). *Lives of the Caesars volumes i, ii*. Trad. Rolfe, J. C. A. Harvard, Loeb.
- SUIDAS. Suda. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol/>

- TÁCITO, (1937). *Anais*. Trad. Jackson, J. Harvard, Loeb.
- _____. (1914). *Agricola. Germania. Dialogue on Oratory*. Trad. Hutton, M.; Peterson, W. Harvard, Loeb.
- THEMISTIUS. (1913). *Orations 6-8. Letters to Themistius, To the Senate and People of Athens, To a Priest. The Caesars. Misopogon*. Trad. Wilmer, C. Harvard, Loeb.
- TRINCAVELLI. (1535). *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza.
- UPTON, J. (1939-1941). *Epicteti quae supersunt Dissertationes ab Arriano Collectae. 2 volumes*. Londres.
- VON ARNIM, H. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 1: Zeno or Zenonis Discipuli*. Berlim, De Gruyter.
- _____. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 2: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. Berlim, De Gruyter.
- _____. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 3: Chrysippi fragmenta moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi*. Berlim, De Gruyter.
- WOLF, H. (1560-1563). *Arriani Commentariorum de Epicteti Disputationibus*. Basileia.
- XENOFONTE. (1923). *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. Trad. E. C. Marchant; O. J. Todd. Harvard, Loeb Classical Library.
- YOURCENAR, M. (1954). *Memoirs of Hadrian*. New York, Farrar, Straus and Giroux.

Notas

- 1 AULO GÉLIO, Noites Áticas 2.18 e 15.11. Aulo Gélío, autor e gramático latino, viveu entre 125 e 180.
- 2 Simplício da Cilícia, filósofo neoplatônico bizantino, viveu entre 490 e 560.
- 3 Suidas foi um lexicógrafo grego do século X. Compôs a Suda, a primeira enciclopédia de que se tem notícia.
- 4 Suda, epípsilon 2424 (Adler): Ἐπίκτητος, Ἱεραπόλεως τῆς Φρυγίας, φιλόσοφος, δούλος Ἐπαφροδίτου, τῶν σωματοφυλάκων τοῦ βασιλέως Νέρωνος, πηρωθεὶς δὲ τὸ σκέλος ὑπὸ ῥεύματος ἐν Νικοπόλει τῆς νέας Ἡπείρου ὤκησε, καὶ διατείνας μέχρι Μάρκου Ἀντωνίου: ἔγραψε πολλά. (disponível em: <http://www.stoa.org/sol/>)
- 5 SCHENKL, 1916, p. vii, testemunho XIX.
- 6 Região do Sul da Ásia Menor, província do Império Romano.
- 7 JOÃO CRISÓSTOMO, Hom. 13 in Acta. IN: PG 60.111.30. São João Crisóstomo nasceu em Antioquia da Síria (atual Antakya) aproximadamente em 347 e morreu em 14 de Setembro de 407. Foi teólogo, escritor e arcebispo de Constantinopla do fim do século IV ao início do V.
- 8 MACRÔBIO, Saturnálias 1.11.45: De Epicteto autem philosopho nobili, quod is quoque servus fuit, recentior est memoria quam ut possit inter oblitterata nesciri. Cuius etiam de se scripti duo versus feruntur, ex quibus aliud latenter intellegas, non omni modo dis exosos esse qui in hac vita cum aerumnarum varietate luctantur, sed esse archanas causas ad quas paucorum potuit pervenire curiositas: Δοῦλος Ἐπίκτητος γενόμεν, καὶ σῶμα ἀνάπηρος, Καὶ πενήν Ἴτρος, καὶ φίλος ἀθανάτοις. Flávio Ambrósio Teodósio Macróbio foi escritor e filósofo romano. Compôs as Saturnálias e o Comentário ao Sonho de Cipião. Africano, Teria nascido por volta de 370, na Numídia.
- 9 SIMPLÍCIO, Commentarius in Epicteti Enchiridion, 45.35; 55.3.
- 10 Cf. MARTHA, 1865, p. 196.
- 11 COLARDEAU, 1903, p. 6, n.5.
- 12 Nero Cláudio César Augusto Germânico nasceu em 15 de dezembro de 37 e faleceu em 9 de junho de 68. Governou Roma entre 54 e 68 e foi o último imperador da dinastia Júlio-claudiana.
- 13 Cf. SUETÔNIO, Nero. 49.5; Domiciano 14.2. O escritor e historiador romano Caio Suetônio Tranquilo viveu entre 69 e 141.
- 14 Cf. Diatribes, 1.1.20; 1.19.19; 1.26.11.
- 15 Tito Flávio Domiciano nasceu em 24 de outubro de 51e morreu em 18 de setembro de 96. Foi imperador de Roma entre 14 de setembro de 81 d.C. até a morte. Era filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano e irmão de Tito Flávio, a quem sucedeu.
- 16 Caio Calpúrnio Pisão, senador romano que viveu no século I, foi o principal idealizador da chamada Conspiração de Pisão, contra Nero. Em 19 de abril de 65 o liberto Mílco traiu Pisão, denunciando-o ao imperador. Dezenove conspiradores foram condenados à morte e outros treze, exilados. Pisão recebeu e cumpriu a ordem de cometer suicídio.
- 17 Tito Flávio Josefo (em hebraico “Yosef ben Matityahura”), viveu entre 37 ou 38 e 100 e foi um historiador judaico-romano.
- 18 Flávio Josefo, em suas obras Antiguidades dos Judeus, Autobiografia e Contra os Gregos, agradece ao seu patrono Epafródito. Entretanto, não se sabe ao certo se esse é o mesmo senhor de Epicteto (Tibério Cláudio Epafródito) ou se Epafródito de Queroneia (liberto de Modesto, praefectum do Egito nos anos 50).
- 19 Cf. GREGÓRIO NAZIANZENO, Oratio I contra Iulianum. IN: PG 35.592.14; Ep. 32 ad Philagrium 10.2; ORIGENES. Contra Celsum. IN: PG 3.368.
- 20 SIMPLÍCIO, Commentarius in Epicteti enchiridion, 45.36
- 21 Cf. NONNUS. IN: PG 36.933; COSMAS DE JERUSALEM. IN: PG 38.532.
- 22 Marco Úlpio Nerva Trajano viveu entre 18 de setembro de 53 e 9 de agosto de 117. Foi imperador romano entre 98 a 117, período no qual o Império Romano atingiu sua maior extensão territorial. Trajano realizou extensos programas de obras públicas e implementou diversas políticas sociais.
- 23 PLÍNIO, O JOVEM, Carta 22. Caio Plínio Cecílio Segundo viveu entre 61 (ou 62) e 114. Foi orador, jurista e político, além de governador imperial na Bitínia entre 111 e 112. Adotado por Plínio, o Velho, de quem era sobrinho-neto, foi testemunha ocular da erupção do Vesúvio de 79, sobre o que escreveu.

24 César Marcos Aurélio Antonino Augusto, ou simplesmente Marcos Aurélio, viveu entre 26 de abril de 121 e 17 de março de 180. Foi imperador de Roma entre 161 e 180. Após sua morte foram publicadas suas reflexões filosóficas, que lhe valeram o título de filósofo estoico e seguidor de Epicteto.

25 Cf. STELLWAG, 1933, p. 1 ss.

26 Temístio viveu entre 317 e 387 e foi um filósofo peripatético tardio.

27 Tito Fúlvio Aélio Antonino Augusto Pio nasceu em 19 de setembro de 86 e faleceu em 7 de março de 161. Governou Roma entre 138 e 161.

28 Cf. THEMISTIUS, Orações 5, 63 d.

29 Públio Aélio Trajano Adriano Augusto nasceu em 24 de janeiro de 76 e faleceu em 10 de julho de 138. Governou Roma entre 117 e 138.

30 Que, aliás, funcionam até hoje.

31 AÉLIO ESPARTANO, Vida de Adriano, 16.10.

32 SCHENKL, 1916, p. xlii

33 DOBBIN, 2008, p. xiii.

34 MILLAR, 1965, p. 141.

35 Demétrio foi um filósofo cínico de Corinto. Viveu sob Calígula, Nero e Vespasiano (37-71). Era amigo de Sêneca, que muitas vezes o elogia e cita (cf. por exemplo: SÊNECA, Cartas a Lucílio, 20.9, 62.3, 67.14, 91.19). Calígula tentou suborná-lo com dois mil sestércios, ao que o cínico respondeu: “Se ele quisesse me tentar, deveria ter feito tal oferecendo-me todo o seu reino” (cf. SÊNECA, Dos Benefícios, 7.11).

36 Pacônio Agripino foi um filósofo estoico do século 1 muito elogiado por Epicteto (cf. Diatribes 1.1.28-30). Sob Nero, foi acusado junto com Trásea e banido da Itália em 67.

37 Géssio Floro foi procurador romano na Judeia entre 64 e 66.

38 Pláutius Laterano foi amante de Messalina, esposa do imperador Cláudio e, por este motivo, condenado à morte em 48. Entretanto, foi perdoado a pedido de seu tio Aulo Plautio (geral e político romano da primeira metade do século 1, conquistador da Britânia e primeiro governador desta província). Laterano, enquanto cônsul em 65, participou da conspiração de Pisão e foi condenado à morte. Com firmeza e coragem, negou-se a denunciar seus colegas de conspiração. Ao ser decapitado, e sendo o primeiro golpe não suficientemente forte para matá-lo, calmamente esticou novamente o pescoço à espera do próximo e fatal golpe (cf. TÁCITO, Anais, 11.30; 36; 13.11; 15.49; 60).

39 Públio Clódio Trasea Peto foi um senador romano do século 1 que se destacou por sua oposição a Nero e por sua ligação com o estoicismo. Processado por Nero em 66, foi condenado à “morte por livre escolha” (*liberum mortis arbitrium*) e, tendo as veias de ambos os braços cortadas, morreu na presença de amigos e admiradores. Cf. TÁCITO, Anais, 34-5; Dion Cássio, 62.26.4).

40 Quanto a Musônio, mais à frente falaremos sobre ele.

41 Os imperadores Flavianos governaram Roma entre 69 e 96. São eles: Vespasiano (69-79) e seus filhos Tito

(79-81) e Domiciano (81-96). Após Galba e Otho, Vitélio tornou-se imperador, em 69. Entretanto algumas legiões estacionadas nas províncias declararam Vespasiano como imperador. Vitoriosas na batalha de Bedriacum, as forças flavianas entraram em Roma em 20 de dezembro do mesmo ano e Vespasiano foi declarado imperador pelo Senado no dia seguinte.

42 Cf. CORA LUTZ, 1947, p. 8-9.

43 Sérvio Sulpício Galba César foi imperador romano por sete meses entre 68 e 69.

44 Eufrates foi um eminente filósofo estoico que viveu entre 35 e 118. Segundo Filostrato (Vida dos Sofistas Ilustres 1.7; Vida de Apolônio de Tiana, 1.13), seria nativo de Tyro. Segundo Estéfano de Bizâncio (Epiphaneia), seria sírio, enquanto Eunápio chama-o de egípcio. Muito elogiado por Plínio (Cartas 1.10), também é citado por Epicteto (Diatribes 3.15; 4.8) e por Marco Aurélio (10.31). Cf. Dion Cássio 69.8.

45 Helvídio Prisco foi um filósofo estoico que viveu sob Nero, Galba, Otho, Vitellius e Vespasiano. Sob Nero foi questor da Acaia e tribuno das plebes (56). Restaurou a ordem e a paz na Armênia. Foi banido em 66 por sua simpatia por Bruto e Cássio. Galba o trouxe do exílio em 68, mas foi novamente banido e, a seguir, executado por Vespasiano.

46 Cf. MILLAR, 1965, p. 142.

47 A Saturnalia era um antigo festival romano em honra a Saturno que ocorria entre os dias 17 e 23 de dezembro (no calendário juliano). Havia, então, um sacrifício no templo de Saturno e um banquete público, seguido de troca de presentes. Durante as festividades, quebravam-se as normas: os senhores, por exemplo, serviam seus servos. .

48 Epicteto aparentemente primeiro agiu como Sócrates, questionando as pessoas pelas ruas, até levar um soco na cara de um rico ex-consul (Cf. Diatribes, 2.12.17 ss.).

49 Cf. TÁCITO, Anais xv, 71; Diatribes 1.25.19-20; 2.6.22; 3.24.1000 e 109.

50 HENSE. Musonii Rufi Reliquiae. Leipzig 1905. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. IN: ANRW 2.36.3, 1989, p. 2105-2146; FRANCIS, J. A. Subversive virtue : asceticism and authority in the second-century pagan world. University Park, Pa., Pennsylvania State University Press. 1995, p. 11-16.

51 Um artigo de minha autoria com a tradução bilingue dos fragmentos menores de Musônio e uma biografia detalhada encontra-se disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732012000300015>

52 Cf. AULO GÉLIO, Noites Áticas, 15.11; SIMPLÍCIO, Commentarius in Epicteti Enchiridion, 153 b; PLÍNIO O JOVEM, Cartas 3.11; TÁCITO, Agrícola, c. 2; DUDLEY D. R. 1980, p. 139, nota 1; SHERWIN-WHITE, 1957, p. 126-30.

53 Cf. AULO GÉLIO, Noites Áticas, 15.11; SIMPLÍCIO, Commentarius in Epicteti Enchiridion, 65.37.

54 Batalha naval, ocorrida em 2 de setembro de 31 a.C., que decidiu a guerra civil, dando fim à república romana. Nessa batalha, Otaviano (mais tarde César Augusto) enfrentou as forças combinadas de Marco Antônio e Cleopatra VII – e sagrou-se vencedor.

- 55 SOUILHÉ, 2002, p. viii, nota 3.
- 56 SCHENKL, 1916, p. xxvi.
- 57 Favorino de Arelate viveu entre 80 e 160 e foi um sofista e um filósofo romano. Floresceu sob Adriano. Uma vez, após deixar-se vencer por um argumento facilmente refutável de Adriano, disse que era tolice criticar a lógica do mestre de trintas legiões. Foi banido pelo próprio Adriano para a ilha de Quios por volta de 130. Retornou a Roma sob Antonino Pio.
- 58 Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 17.19.1-6.
- 59 AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 1.2.6.
- 60 Heródes Ático viveu entre 101 e 177 e foi um senador romano e um destacado sofista, talvez o maior representante da Segunda Sofística.
- 61 MARCO AURÉLIO, 7.19.
- 62 Aélí Galeno ou Cláudio Galeno, também conhecido como Galeno de Pérgamo (atual Bergama, na Turquia) viveu entre 129 e 200 (ou 216) e destacou-se como médico, cirurgião e filósofo.
- 63 Cf. GALENO, *Lib prop.* 11.
- 64 Orígenes Adamâncio viveu entre 184/185 e 253/254 e foi um teólogo cristão.
- 65 ORÍGENES, *Contra Celsum*, 6.2.
- 66 SIMPLÍCIO, *Commentarius in Epicteti Enchiridion*, 44.77.80. Alguns comentadores creem Epicteto ter então tomado uma esposa. Entretanto, por meio de uma anedota, Luciano (cf. *Vida de Demonax*, 55) parece indicar que Epicteto jamais se casou.
- 67 DINA PEPPAS-DELMOUSOU. *Basis andriantos tou Arrianou*. IN: *Athens Annals of Archeology*, 3, 1970, p. 377-80.
- 68 STADTER, 1980, p. 2.
- 69 Cf. FÓCIO, *Bibl.* 58.4; SUIDAS, *Suda*, verbete *Arriano* – A 3868. Fócio I de Constantinopla viveu entre 820 e 893 e foi o patriarca de Constantinopla entre 858 e 867 e entre 877 e 886. d.C.
- 70 Cf. HASSE, W.; TEMPORINI, H., 1990, p. 228.
- 71 Cf. STADTER, 1980, p. 11.
- 72 *Idem*, *ibidem*.
- 73 ARRIANO, *Périplo do Ponto Euxino*, 6.2; 10.1. Tal obra foi escrita por volta de 130-131.
- 74 Chegou-nos um fragmento dessa obra intitulada 'A Formação da Batalha contra os Alanos'. Cf. BOSWORTH, A.B. *Arrian and the Alani*. IN: *Harvard Studies in Classical Philology* 81 (1977), p. 217-255.
- 75 Cf. STADTER, 1980, p. 16.
- 76 YOURCENAR, M., 1954, p. 162-63; p. 221, p. 277-9.
- 77 BONHÖEFFER, A, 2000.
- 78 LUCRÉCIO, *De rerum Natura*, 5.13-19.
- 79 AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 19.1.14.
- 80 DOBBIN, 2008, p. xiv-xv.
- 81 Cf. ARISTÓTELES, *Ética Nicomaquéia*, 3.1-5; *Ética Eudêmica*, 2.10.
- 82 DOBBIN, 2008, p. xvii.
- 83 Cf. ARISTÓTELES, *Ética Nicomaquéia*, 1111 b 30; *Metafísica*, 1015 a 27.
- 84 Cf. PLUTARCO, *De Stoicorum repugnantiis*, 1056 d; Alexandre de Afrodísias, *Do Destino*, 181.13-182.20.
- 85 Cf. ARISTÓTELES, *Ética Nicomaquéia*, 3 1-3; *Física*, 2. 4-6.
- 86 Cf. LONG & SEDLEY, 1987, vol. 1, p. 393.
- 87 Cf. CÍCERO, *Do Destino*, 39-43.
- 88 Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 7.2.11-13.
- 89 SEXTO EMPÍRICO, *Adversus Mathematicus* 8.275-6. Salientamos que a obra comumente conhecida como *Adversus Mathematicus* é, na verdade, duas obras: *Adversus Mathematicus* (em português: *Contra os Professores ou Contra os Cientistas*, que vai do livro I ao VI) e *Adversus Dogmaticus* (em português: *Contra os Dogmáticos*, que vai do livro VII ao XI).
- 90 SIMPLÍCIO, *Commentarius in Epicteti Enchiridion*. 44 a.
- 91 PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 124 a-b. Cf. DINUCCI; JULIEN, 2012, p. 4-6.
- 92 Cf. nossa tradução à frente.
- 93 DOBBIN, 2007, p. xx.
- 94 Essa também é a posição de Hartmann (1905, p. 257; 274-5), que observa que a estenografia já era praticada há séculos pelos gregos e há pelo menos um século pelos romanos. Marcial, por exemplo, cita-a em XIV.208, bem como Sêneca em *Cartas a Lucílio*, 90.25.
- 95 Como observa Souilhé (2002, p. xvi), mesmo hoje é comum que alunos transcrevam as aulas de seus professores, ainda que não dominando a técnica de estenografia, simplesmente recorrendo a abreviações. E indubitavelmente muitas dessas transcrições são fidedignas.
- 96 DOBBIN, 2007, p. xxi.
- 97 Dobbin (2007, p. xxii) "suspeita" (sic) que o próprio Epicteto tenha escrito as *Diatribes*. Entretanto não oferece evidências para fundamentar essa suposição.
- 98 DOBBIN, 2007, p. xxi.
- 99 Tal franqueza já é afirmada como própria do filósofo, por exemplo, na *Apologia de Sócrates*, de Platão (17 ss.).
- 100 *Disgestae*. Cf. AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 1.2.6.5: [...] *dissertationum Epicteti digestarum ab Arriano* [...]
- 101 AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 17.19.3.1: " [...] *Quod Arrianus solitum eum dictitare in libris, quos de dissertationibus eius composuit.*"
- 102 AULO GÉLIO, *Noites Áticas*, 19.1.
- 103 SOUILHÉ, 2002, p. xiii.
- 104 TRINCAVELLI. *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza: 1535.
- 105 WOLF, H. *Arriani Commentariorum de Epicteti Disputationibus*. Basileia: 1560-3.
- 106 UPTON, J. *Epicteti quae supersunt Dissertationes ab Arriano Collectae*. 2 volumes. Londres: 1739-41.
- 107 SCHWEIGHÄUSER, J. *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 5 volumes. Leipzig: Teubner, 1799-1800.
- 108 SCHENKL, H. *Epicteti Dissertationes ab Arriano Di-*

gestae. 2ª. Edição. Leipzig: Teubner, 1916.

109 CARTER, E. All the works of Epictetus, which are now extant, consisting of his Discourses, preserved by Arrian, in four books, the Enchiridion and Fragments. Londres: 1758.

110 Cf. referências bibliográficas.

111 Parrhêsia.

112 Errôso: o meio costumeiro de se terminar um carta.

113 A Diatribe 1.1 é de fundamental importância para a compreensão do pensamento epictetiano, sendo o capítulo 1 do Enchiridion de Epicteto um resumo dela. Entre os parágrafos 1-6 da presente diatribe, Epicteto observa que a razão tem o poder arquitetônico de examinar a si mesma e tudo mais. Entre os parágrafos 7-17, Epicteto salienta que a razão, por sua capacidade reflexiva, deve se concentrar em si mesma e não em coisas externas, que não estão sob nosso controle. Entre os parágrafos 18 e 32, tal princípio é ilustrado através de exemplos históricos de pessoas que tiveram a concepção certa acerca de nosso controle sobre as representações (phantasiai – cf. nota à frente) e a nossa falta de controle sobre o corpo.

114 Dýnamis no sentido tanto de faculdade quanto de arte (téchne).

115 Hē dýnamis hē logiké. Logiké é adjetivo de lógos, conceito tomado pelos estoicos de Heráclito. Tal lógos para os estoicos é o princípio da física e a razão universal que governa a realidade. Na psicologia estoica, o lógos representa a faculdade da razão que compreende as funções da alma humana, sendo equivalente ou coextensiva à faculdade diretiva (tó hēgemónikon) e governando a sensação, a representação, o impulso e o assentimento (cf. Diógenes Laércio, Vida dos Filósofos Ilustres, 7.159). A noção de dýnamis cobre não apenas as artes (cf. parágrafo 2), mas também as faculdades da alma (cf. parágrafos 4-12). Para os estoicos, há uma dýnamis da alma que, dependendo de sua disposição, ora pensa, ora torna-se irascível, ora deseja (cf. Stoicorum Veterum Fragmenta 2.823). A faculdade racional para Epicteto é responsável tanto pela produção quanto pela avaliação das representações (cf. Diatribes 1.20.1-11; 2.23.5-6). Para Epicteto e os demais estoicos, a razão é critério para si mesma. Por aí evitam o dilema cético segundo o qual, se um critério existe, ele deve ser ou provado ou não (Cf. Diatribes 1.17.1-3; Sexto Empírico, Adversus Mathematicus 7.441-2; Cícero, Acadêmica, 2.91). A razão também – o que é de fundamental importância para o pensamento epictetiano — confere valor. A argumentação de Epicteto sobre a incapacidade de autoavaliação e valoração das demais artes lembra o argumento de Platão no Laques (195c), no qual o mesmo é dito sobre a medicina.

116 Para o tema da razão como uma parte de Deus, cf. Diatribes 1.17.27; 2.8.10-11; Sêneca, Cartas a Lucílio, 31.11. Epicteto adverte os ouvintes a cuidar (epimeleisthai) dessa parte. Para o uso desse epimeleisthai em conjunção com o “conhece a ti mesmo”, cf. Platão, Primeiro Alcibiades, 124 a-b.

117 Chrēstikē: no sentido ativo significa ‘apto a se servir, ‘o que faz uso de’.

118 A noção de phantasia é de fundamental importância para a compreensão da filosofia estoica por relacionar-se tanto a questões lógicas quanto epistemológicas e

éticas. Entretanto, os comentadores divergem sobre como traduzir o termo: Leses (1998), Julia Annas (1991) e Richard Sorabji (1990) traduzem phantasia por “aparência” (appearance); Michael Frede (1983) e Long e Sedley (1987) empregam o termo “impressão” (impression); Brad Inwood e L.P. Gerson (1988) optam por “apresentação” (presentation); Anthony Long (1991) usa o termo “representação” (representation), substituindo sua tradução anterior, “impressão” (impression), para evitar confusão com o conceito humeano homônimo. Embora tanto Cleanto quanto Crisipo considerem a phantasia uma modificação da faculdade diretiva, eles divergem ao explicar essa mudança. Para Leses (1998, p. 6), Crisipo parece criticar Cleanto por aceitar uma concepção ingênua de representação mental, segundo a qual as phantasias perceptivas são cópias de qualidades que os objetos representados possuem (cf. Diógenes Laércio, 7.50.4). Além disso, Annas (1991, p. 74-75) compreende estar implicado nas observações de Crisipo que as phantasias são articuláveis em forma linguística. Ora, quanto às alternativas para traduzirmos o termo phantasia, parece-nos que impressão está mais próximo de Cleanto que de Crisipo, pois a metáfora utilizada por Cleanto para introduzir o conceito em questão é justamente a da impressão sobre a cera, metáfora que é criticada por Crisipo por seu caráter imagético. A concepção de Crisipo sobre a phantasia – adotada desde então pelo estoicismo – é que ela tem duas facetas: uma sensível (pois, como dissemos, trata-se de uma modificação da faculdade diretiva) e outra virtual (aquilo que é articulável em forma linguística. i.e. o sentido que lhe é atribuído pelo pensamento). Assim sendo, parece-nos que a palavra “representação” (que possui, de acordo com o Aurélio, o sentido filosófico geral de “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”) serve para o nosso propósito, e por ela traduziremos phantasia.

119 A expressão ephí hēmîn significa literalmente “o que está sobre nós”. Nesse caso, epí expressa uma relação de dependência, referindo-se a coisas que nos têm como causa única e sobre as quais temos absoluto controle. São, portanto, coisas que dependem de nós.

120 Long (1996, p. 299-309) observa que Epicteto, nessas linhas, distingue-se dos estoicos antigos, afirmando limites para a atuação da divindade (cf. Sêneca, Cartas a Lucílio, 65.2). Dobbin (2007, p. 70) comenta também que, nos estoicos imperiais, há uma tendência a ver na matéria um obstáculo à onipotência divina (Cf. Sêneca, Cartas a Lucílio, 58.27; Da Providência, 5.8-9). Nessas linhas, Epicteto trata do corpo como matéria na qual o lógos (o que realmente somos) se encontra. Embora Epicteto considere o corpo inferior à razão, ele não o condena, mas tão somente critica aqueles que se prendem demasiado a ele. Para Epicteto, o corpo está entre as coisas que nos são externas e que, portanto, não dependem de nós, o que não impede que Epicteto recomende que ele seja cuidado e não negligenciado (Cf. Diatribes, 4.11; Xenofonte, Memoráveis, 1.2.4; 3.12). Além disso, como observa Dobbin (2007, p. 71-2), a independência da alma em relação ao corpo, como o temos em Platão (por exemplo, no Fédon ou livro 10 da República) é estranha aos estoicos, para os quais não há transcendência, seja no âmbito metafísico, seja no pessoal (Epicteto expressamente afirma que não há Hades e coisas tais – Cf. Diatribes, 3.13.15). Como observa Simplício, comentando tal ausência de transcendência da

alma em Epicteto: “Deve-se admirar esta qualidade de seus discursos, sua habilidade de tornar felizes aqueles que os praticam sem prometer recompensas para a virtude após a morte” (SIMPLÍCIO, Comentário ao Encheiridion de Epicteto, 3a).

121 *tén hormētiév te kai aphormētikév*. I.e. as faculdades relativas ao impulso e ao refreamento. Impulso traduz *hormé*, substantivo relacionado ao verbo *órnumi* (“levantar-se”) que, em Epicteto, significa a tendência para agir desta ou daquela maneira diante de determinada coisa. *Aphorm* é o contrário de *horm*, daí nossa tradução por “refreamento”.

122 *Oretikén te kai ekkletikén*: literalmente “a faculdade de desejo (*óreksis*) e a faculdade da repulsa (*ékkklisis*). *Óreksis* é o nome da ação do verbo *óreg*, que significa “estender ou tender na direção de algo”, de onde “desejo”, “apetite”. *Óreksis* se opõe a *ékkklisis*, que expressa o movimento contrário, o de afastar-se.

123 O poder de fazer bom uso das representações (§7) é parafraseado como o poder de impulso e contra-impulso (repulsa), de desejo e aversão.

124 Comparar com Diatribes 1.2.38.

125 O vento norte, que impedia a navegação, simbolizando aqui, portanto, um impedimento.

126 O vento oeste, favorável à navegação.

127 O Senhor dos Ventos. Cf. *Odisséia*, 10.21.

128 18-32: Nesses parágrafos Epicteto exemplifica o que disse anteriormente (como o preconiza a Retórica de Aristóteles em 1394 a 10-18), lembrando célebres romanos que participaram da conspiração de Pisão contra Nero. Apesar de terem sofrido a morte ou o exílio (pois que o corpo não está sob nosso controle), souberam manter a dignidade, concentrando-se naquilo que estava sob seu controle (Cf. SENECA, Cartas a Lucílio, 6.5). Quanto a Laterano, como o dissemos acima na nota 40, submeteu-se à morte por duas vezes, ilustrando o controle das representações. O fato de ter recuado e depois voltado à posição para a decapitação se refere aos movimentos involuntários (instintivos) que podem ser controlados após um espaço de tempo (cf. acima, nota 40; SENECA, Cartas a Lucílio, 82; Da Ira, 1.16.7; Diatribes de Epicteto, 3.24.108; 2.1-4; AULO GÉLIO, Noite Áticas, 12.5.11-12).

129 Cf. Introdução.

130 *Prócheiron*:

131 Cf. Diatribes, 1.2.21; 2.16.15-17; 4.1.127; SENECA, Cartas a Lucílio, 95.40; Da Providência Divina, 2.4; 3.4-14.

132 *Touto gár ep'emoi estín*.

133 *Prohairesis*: a faculdade de escolha. “Aprisionar-te-ei”- O corpo pode ser constrangido, a escolha moral não. Cf. Diatribes de Epicteto, 1.18.17; Diógenes Laércio, Vida dos Filósofos Ilustres, 9.59; Platão, Apologia de Sócrates, 30 c. Quanto a essa passagem da Apologia de Sócrates (“Anito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano”, cf. Diatribes, 1.29.18; 2.2.15; 2.23.21).

134 Prática da filosofia. Cf. *Fédon* 64 a; Diatribes 4.1.172; Marcos Aurélio 2.17

135 Públio Clódio Trásea Peto foi um senador romano do século 1 que se destacou por sua oposição a Nero e por

sua ligação com o estoicismo. Processador por Nero em 66, foi condenado à “morte por livre escolha” (*liberum mortis arbitrium*) e, tendo as veias de ambos os braços cortadas, morreu na presença de amigos e admiradores.

136 Quanto a Musônio Rufo, cf. acima.

137 MUSÓNIO RUFO, FRAGMENTO 56 (Hense).

138 Quanto a Agripino, cf. nota 38 acima. Esse dito também é mencionado em Diatribes 1.2.12 e Fragmentos 21-2. Cf. SENECA, Cartas a Lucílio, 94.28. Quanto a “Devolver o que foi emprestado”, cf. Diatribes 2.16.28; 4.1.102, 172; SENECA, Da Providência Divina, 5.5.

139 11 horas da manhã.

140 Aricia distava cerca de trinta quilômetros de Roma. Era a primeira parada de descanso da Via Apia para os viajantes vindos da Cidade Eterna.

Recebido em fevereiro de 2014,
aprovado em dezembro de 2014.